

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO,  
SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA E PETROBRAS,  
ATRAVÉS DA LEI DE INCENTIVO À CULTURA,  
APRESENTAM:



NAVEGAR É PRECISO

PAISAGENS FLUMINENSES

Casa França-Brasil  
Rio de Janeiro  
2023



GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA  
PETRÓPOLIS - AV. SÃO SALVADOR DO OESTE, 1.500 - JARDIM  
FRANÇÊS

SECRETARIA  
CULTURAL

# NAVEGAR É PRECISO

EXPOSIÇÃO DE OBRAS DE  
LUCIANO  
MAYALDI, JOÃO CARLOS E RAFAEL CARVALHO PEREIRA  
DE 20 DE MAIO A 06 DE JUNHO DE 2022

ORÇAMENTO ESTIMADO  
R\$ 1.000.000,00 (UM MILHÃO)

PARA MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO COM A SECRETARIA  
DE CULTURA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
FONE: (21) 250-10000

SECRETARIA DE CULTURA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Casa  
França  
Brasil

NAVEGAR É PRECISO

NAVEGAR É PRECISO



Abelardo Zaluar

Alvaro Seixas

Andréa Facchini

Antonio Parreiras

Batista da Costa

Bob Cardim

Carlos Scliar

Chico Tabibuia

Cipriano

Daniel Lannes

Deneir

Di Cavalcanti

Edmilson Nunes

Francisco Coculilo

Georg Grimm

Gonçalo Ivo

Jarbas Lopes

João Carlos Galvão

Jorge Duarte

Lúcia Laguna

Luiz Aquila

Luiz Badia

Marcos Cardoso

Nelson Felix

Newton Rezende

Oswaldo Carvalho

Paiva Brasil

Pedro Varela

Rafael Alonso

Rafael Vicente

Raimundo Rodriguez

Raquel Saliba

Robson Macedo

Rodrigo Pedrosa

Wilson Piran

#### CURADORIA

Marcus de Lontra Costa e Rafael Fortes Peixoto



Por meio do incentivo a diversos projetos, colocamos em prática a certeza de que a cultura é uma importante energia que transforma a sociedade. Acreditamos que, com criatividade e inspiração, promovemos crescimento e mudanças.

Nosso PROGRAMA PETROBRAS CULTURAL apoia a cultura brasileira como força transformadora e impulsionadora de desenvolvimento há mais de 20 anos nas áreas de artes cênicas, música, audiovisual e múltiplas expressões.

Através da chamada pública “Múltiplas Expressões” selecionamos o projeto Paisagens Fluminense, aqui na Casa França-Brasil, que contempla 3 exposições, sendo “Navegar é Preciso” a primeira delas.

A exposição “Navegar é Preciso” valoriza e promove a diversidade cultural do nosso estado, por meio de recortes criteriosamente selecionados, destacando os potenciais artísticos e estéticos presentes em todo o Brasil. Proporciona, assim, uma experiência enriquecedora para todos os visitantes.

As ações do Módulo Educativo Petrobras Cultural, que complementam a mostra, foram desenvolvidas para oferecer ao público diferentes oportunidades de vivenciar e apreciar as exposições, além de explorar os processos criativos utilizados pelos artistas selecionados, trabalhando a importância da manipulação dos meios e na reflexão crítica como

ferramentas para o desenvolvimento cultural.

Além disso, a exposição oferece espaços de intercâmbio e debate, nos quais renomados artistas, pesquisadores, curadores e gestores têm a oportunidade de compartilhar conhecimentos e perspectivas. Valoriza, assim, o diálogo entre diferentes agentes culturais, fortalecendo a cena artística e promovendo a troca de ideias e experiências.

A Casa França Brasil é um marco arquitetônico de relevância histórica e reafirma o compromisso da Petrobras com a preservação e disseminação da cultura. Um espaço propício para o encontro de pessoas, ideias e expressões artísticas, que contribui para a construção de uma identidade cultural sólida e com diversidade.

## **Petrobras**

---

Conheça mais sobre o PROGRAMA PETROBRAS CULTURAL em [www.petrobras.com.br/cultura](http://www.petrobras.com.br/cultura).



As paisagens do Estado do Rio de Janeiro são diversas, múltiplas, assim como a nossa cultura fluminense, oferecem uma enorme riqueza a ser vivenciada e compartilhada. Nesta exposição “Navegar é Preciso – Paisagens Fluminenses”, o público visitante da Casa França-Brasil terá a oportunidade de conhecer ou reconhecer através das obras dos artistas fluminenses, um pouco mais sobre as paisagens do nosso estado, ou como as paisagens puderam ser um estímulo para suas livres criações.

Esta exposição apresenta obras de artistas de diferentes gerações e regiões e põe em evidência a qualidade da produção cultural de todo o nosso estado.

É importante mencionar que a realização desta exposição é fruto da Lei de Incentivo Fiscal do Estado do Rio de Janeiro, que oportuniza às produções artísticas suas realizações, garantindo acesso democrático aos diferentes públicos, transformando e ampliando suas relações com a cultura e a vida através de nossos equipamentos culturais.

**Danielle Barros**

Secretária de Cultura e Economia  
Criativa do Estado do Rio de Janeiro

A exposição Navegar é preciso proporciona aos públicos da Casa França Brasil um encontro com a produção artística fluminense, em sua diversidade cultural e estética. Trata-se de uma reunião de artistas que, por nascimento ou por escolha, compartilham o território do Rio de Janeiro e estabelecem diálogos de diferentes naturezas no campo das artes visuais.

Assim, este espaço da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa cumpre sua missão de instigar o conhecimento e ampliar a relação dos visitantes com os repertórios iconográficos do nosso estado a partir de obras de diferentes temporalidades e meios. E navegar, nesse sentido, nos permite um deslocamento de perspectivas. Naveguemos, portanto.

**Tania Queiroz**

Casa França Brasil



NAVEGAR É PRECISO |  
PAISAGENS FLUMINENSES

*“Todo estado de alma é uma paisagem”*  
Fernando Pessoa

Navegar é preciso, viver não é preciso... essa voz, esse canto, essa certeza percorre o tempo e se afirma como síntese de uma exposição que fala sobre a arte das gentes da água, dos rios de janeiros a janeiros, arte e modernidade líquidas, matérias fluidas, ritmos e harmonias sincopadas, “num doce balanço a caminho do mar”<sup>1</sup>.

Por isso, as águas que batizam a mostra remetem ao gentílico da região. Entre Guandús, Iguaçús, Itabapoanas e Paraíbas do Sul, nestas terras a história, o presente e o destino parecem sempre ser determinados pelas águas. O resgate destas referências faz sentido para pensarmos a profunda relação que os fluminenses têm com suas águas marítimas ou fluviais.

O mito épico e inaugural que ainda fundamenta a escrita de uma História do Brasil veio pelo mar. A “descoberta” pelos portugueses aconteceu por articulações intrincadas que culminaram com a chegada de caravelas lusitanas e espanholas às Américas, depois de atravessarem um oceano de mistérios e encontrarem o “Mundo Novo”. A despeito das incalculáveis transformações que essa conexão entre o continente europeu e americano provocou, é importante hoje buscar outras narrativas que não perpetuem a ideia de um processo civilizatório cristão e europeu, e sim, a imposição de sistemas exploratórios baseados numa relação de dominância econômica, bélica e sociocultural.

Para as sociedades indígenas que habitavam o nosso território, os rios e cursos de águas possuíam importância e função centrais como

fronteiras, estradas e fontes de alimento. Mesmo depois dos genocídios sistêmicos ao longo dos últimos 500 anos, essas influências ainda estão em nossas vidas, seja através de práticas cotidianas, como o hábito de banhar-se diariamente, ou através de palavras que fazem parte do nosso dia a dia. Guanabara, por exemplo, significa seio de mar, ou braço de mar<sup>2</sup> e dá nome à baía onde desembocam centenas de rios e afluentes que cortam o território fluminense. Já antes da chegada dos europeus, essa rede fluvial estruturava a sociedade Tupinambá que dominava grande parte do entorno da baía, sendo fundamental na circulação de alimentos, nas estratégias militares e no deslocamento entre comunidades ribeirinhas e aquelas localizadas nas vizinhanças do interior.

A acolhedora formação geográfica que circunda as águas da Guanabara provocou protagonismos diversos ao longo da história, iniciados em 1555 com a invasão por huguenotes franceses que se instalaram na atual praia do Flamengo, visando criar, a partir dali, a França Antártica. Em resposta, os portugueses fundaram, ao pé do Pão de Açúcar na Ilha da Trindade, a cidade de São Sebastião com o intuito de defender a região dos invasores protestantes. A aliança entre os lusitanos e os índios Tamoios expulsou os franceses e Araribóia recebeu como prêmio o lado oriental da Guanabara, a atual cidade de Niterói.

A partir da mudança da capital colonial para o Rio de Janeiro, em 1763, a cidade passou a ser definitivamente o palco central das disputas, conquistas e intercâmbios que muitas vezes definiram os rumos do Brasil. Como porto colonial, escoava do interior e das Minas Gerais a extração do ouro, no século XVIII e XIX, rumo à Europa, assim como o resultado do extrativismo e posteriormente das monoculturas do café e da

cana-de-açúcar. Nesse mesmo período, o Rio de Janeiro passou a receber grandes contingentes de pessoas de pele negra escravizadas, na maior diáspora intercontinental registrada na história da humanidade. Do outro lado do oceano, povos, etnias e nações africanas chegaram até nós, transportados pela desumanidade e pela dor, mas trazendo também técnicas, tecnologias, conhecimentos milenares, crenças e práticas sociais de configurações culturais complexas que na mistura, nem sempre harmônica do convívio, moldaram também as formas do que é ser brasileiro.

*“Mãe África está distante,  
Lembrando do filho infante  
Que o branco lhe arrancou  
Atravessando a Calunga grande  
Manchando ela de sangue  
Do povo bantu e nagô.”<sup>5</sup>*

Se como capital da colônia o Rio de Janeiro consolidou-se como ponto de convergência das estratégias da metrópole, a vinda da família real portuguesa em fuga das guerras napoleônicas, em 1808, transformou-a no centro de um Império ultramarino que lutava por sua permanência, em um cenário de revoluções e de transformações que prenunciava a era moderna. O porto carioca já conectava o interior do Estado e do país ao mundo. Com a chegada da corte portuguesa, e o imenso rebuliço que esta migração forçada causou no cotidiano e nas organizações urbanas, não só a cidade, como toda a região transformou-se em um grande e caótico caldeirão onde culturas, hábitos, raças, crenças e histórias se fundiram.

Alguns anos mais tarde, em 1816, D. João VI organizou a vinda de um grupo de artistas franceses comissionados que ficou conhecido como a Missão Artística Francesa. Com a proposta de

implementar o ensino das belas artes no Brasil, estes artistas e artífices receberam também a incumbência de retratar, e representar, através de pinturas, gravuras e esculturas esse novo modelo de Império europeu ultramarino. A instalação destes artistas na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro contribuiu para que a cidade e os seus arredores fossem temas das obras realizadas por eles. Nicolas Antoine Taunay, um dos artistas mais destacados da Missão, e sua família, fixaram residência em meio à Floresta da Tijuca, próximos a uma cachoeira que hoje é conhecida como Cascatinha Taunay. Como resultado, a paisagem fluminense acabou por se tornar modelo de uma ideia de natureza brasileira, independente do seu vínculo com a imensa diversidade ambiental que compõe o nosso território.

A criação da Academia Imperial de Belas Artes e a formalização do ensino a partir de moldes europeus, transformou o Rio de Janeiro no centro da produção artística e cultural brasileira. Enquanto na primeira metade do século XIX, a épica monarquista lentamente cedia lugar ao exotismo da paisagem tropical, na segunda metade do século o surgimento de uma pequena classe média na capital imperial dialoga com a crônica característica do realismo literário. Surgem então prenúncios modernistas através de pinturas “*en plein air*” que fazem da Baía de Guanabara o cenário principal da arte brasileira da época. No interior do estado, o Vale do Café no sul fluminense e a planície canavieiras de Campos de Goytacazes assumem protagonismo econômico e forte presença na literatura e nas artes plásticas.

“Navegar é Preciso”, reforça a importância da paisagem fluminense com obras de dois artistas precursores das experiências modernas brasileiras: Georg Grimm e Antonio Parreiras.

Integrantes do Grupo Grimm<sup>4</sup> a trajetória de ambos acentua a presença de Niterói no processo de construção de novos postulados para arte brasileira. Inspirados pintor naturalista alemão, os jovens artistas que integravam o grupo buscavam um contato mais direto com a paisagem, pintando-as ao ar livre em captações mais sensíveis de luz e cor, próximas às questões impressionistas. A busca pelo entendimento dessa “cor local”, influenciou as gerações seguintes, como é o caso de João Batista da Costa, também presente nesta mostra. Natural de Itaguaí, Batista é considerado o primeiro artista brasileiro a captar a variedade cromática de verdes e amarelos que compõem as nossas florestas, inaugurando uma tradição de paisagística fluminense.

Como resultado natural às mudanças vindas com a modernidade, essa centralização da produção artística perdeu força ao longo das primeiras décadas do século XX, com o crescimento de outros polos urbanos e as mudanças políticas e econômicas. O movimento modernista de 1922 ilustra bem estas transformações. Apesar de entrar para a história como um movimento paulista, a Semana de 1922 foi o resultado de uma provocação artística cujo principal agitador foi o carioca Di Cavalcanti, presente na mostra com uma aquarela representando a bucólica Paquetá. Registra-se que enquanto a elite paulistana chocava-se com as provocações modernistas expostas no Teatro Municipal, a capital federal organizava as comemorações do centenário da independência brasileira. Nesse mesmo ano, o governo federal enfrentou, na praia de Copacabana o movimento tenentista que teve forte influência nos destinos políticos posteriores da vida nacional. Ainda em 1922, marca a fundação do Partido Comunista em Niterói, com participação de muitos artistas e intelectuais nacionais.

Outra data histórica que representou uma significativa mudança no ambiente cultural do Rio de Janeiro foi a transferência da capital federal para Brasília, em 1960. Depois de um protagonismo oficial de 300 anos, cidade e Estado viram-se impelidos a buscar o reconhecimento das identidades que os integram. A cidade de São Sebastião reencontrava-se com a região que batiza a extensão de seu nome: Rio de Janeiro. A partir de 1975, a cidade retoma sua função de capital do estado e encontra o desafio de reconstruir identidades comuns. Nesses processos, ainda em curso, as ações artísticas e culturais desempenham papel essencial na percepção e na consolidação de pertencimentos.

Sem a pretensão de um mapeamento enciclopédico, o conjunto reunido nesta exposição, traça um panorama amplo da criatividade e da produção artística que tem o estado do Rio de Janeiro como nascente cultural. Como citações históricas, além dos artistas do século XIX já citados, integram também a mostra nomes ligados às pesquisas modernas como Di Cavalcanti, Carlos Scliar e Newton Rezende. Já as obras de Piva Brasil, Abelardo Zaluar e João Carlos Galvão ilustram os desdobramentos de inquietações que surgiram ao longo dos anos 1950 e 1960, em torno da abstração no Brasil e que provocaram profundas transformações no nosso ambiente artístico e cultural. Ainda como referências, os trabalhos de Luiz Áquila, Gonçalo Ivo, Nelson Felix e Lucia Laguna representam o retorno do interesse à prática da pintura, como ação artística e cultural, que marcou a Geração 80 e abriu espaço para questionamentos contemporâneos na arte brasileira. Ainda como trajetória referencial, as obras de Chico Tabibuia colocam em pauta a ressignificação dos conceitos de arte popular, em busca de um reconhecimento de matrizes

antes obliteradas. Ao se conectarem à produção de artistas contemporâneos como Cipriano, por aspectos estéticos, históricos e místicos, estas obras nos provocam a perceber e reconhecer aspectos de identificações comunitárias que muitas vezes foram negligenciados em função de um racismo estrutural e de uma lógica artística eurocentrada e hegemônica.

Destas fricções entre a arte, o popular e o artesanato, desdobram-se as produções de um significativo grupo de artistas que compõem a mostra. Entre Deneir, Raimundo Rodriguez, Marcos Cardoso, Edmilson Nunes, Robson Macedo, Jarbas Lopes e Pedro Varela, apesar das diferenças estéticas e poéticas inerentes a cada uma dessas pesquisas, há em comum uma artesanaria na execução das obras. Ao incorporar da memória e do gesto uma espécie de fazer popular, que agrega camadas, ressignifica materiais e orna como elemento composicional, estas produções refletem manifestações criativas que muitas vezes são excluídas do universo artístico, como por exemplo, os profissionais envolvidos na criação alegorias e fantasias criadas anualmente.

Outro grupo de artistas também presentes na mostra se relaciona mais intimamente com as questões da tradição artística, provocando novas reflexões e experiências. Através de uma relação subversiva com o pop e a cultura de massa, Jorge Duarte e Wilson Piran jogam com as palavras e imagens. Já Alvaro Seixas, ao assumir uma postura crítica ao cenário cultural, apropria-se de discursos e provocações para desenvolver uma pesquisa estética própria, referenciada e questionadora. De maneira semelhante, Daniel Lannes utiliza recursos e técnicas tradicionais de pintura e de composição para fazer uma figuração gestual e sensual. Essa mesma força expressiva do gesto se presentifica nas

esculturas de Raquel Saliba e Rodrigo Pedrosa, que utilizam materiais tradicionais, como a cerâmica, o gesso e o bronze, para desenvolver fragmentações a partir das formas humanas. Da pintura como suporte para uma provocação poética e estética, Andréa Facchini e Osvaldo Carvalho se assemelham em torno de referências cotidianas como signos de identidade tanto subjetiva como coletiva. Se no campo do vídeo arte, Luiz Badia presentifica os ecos de um passado de paisagens delirantes projetadas no nosso imaginário, artistas como Bob Cardim, Rafael Vicente e Rafael Alonso fragmentam as composições tanto plasticamente como fisicamente, rompendo as fronteiras do suporte em direção ao espaço real e tangível.

A reunião desse amplo conjunto de semelhanças e divergências alimenta a ideia inicial deste projeto que é provocar no público a percepção da pluralidade artística e da criatividade que se manifesta em todo o Estado do Rio de Janeiro. Por isso, para além dos holofotes da capital, é necessário navegar pelos interiores e subúrbios, pelas planícies e serras, pelas periferias, pelos rios e mares, por toda terra fluminense para que possamos perceber o nosso lugar, a nossa geografia afetiva e a riqueza cultural que integra passado, presente e futuro.

**Marcus de Lontra Costa**

**Rafael Fortes Peixoto**

<sup>1</sup> Vinicius de Moraes, "Garota de Ipanema", música de Antônio Carlos Jobim.

<sup>2</sup> TIBIRIÇA, Luiz Caldas. Dicionário Tupi Português, Traço editora, 1984.

<sup>3</sup> Gabriel Nascimento de Vargas, Cantiga de capoeira, 2021.

<sup>4</sup> O Grupo Grimm foi a reunião de jovens artistas entre os anos 1884-1886 em busca de experiências de pintura fora do sistema engessado da então Academia Imperial de Belas Artes.







**ANTONIO PARREIRAS (1860-1937)**

*Parreiras nasceu e viveu em Niterói e transformou a pintura de paisagem no Brasil.*

SERTANEJAS  
1916

Óleo sobre tela  
63 x 113 cm

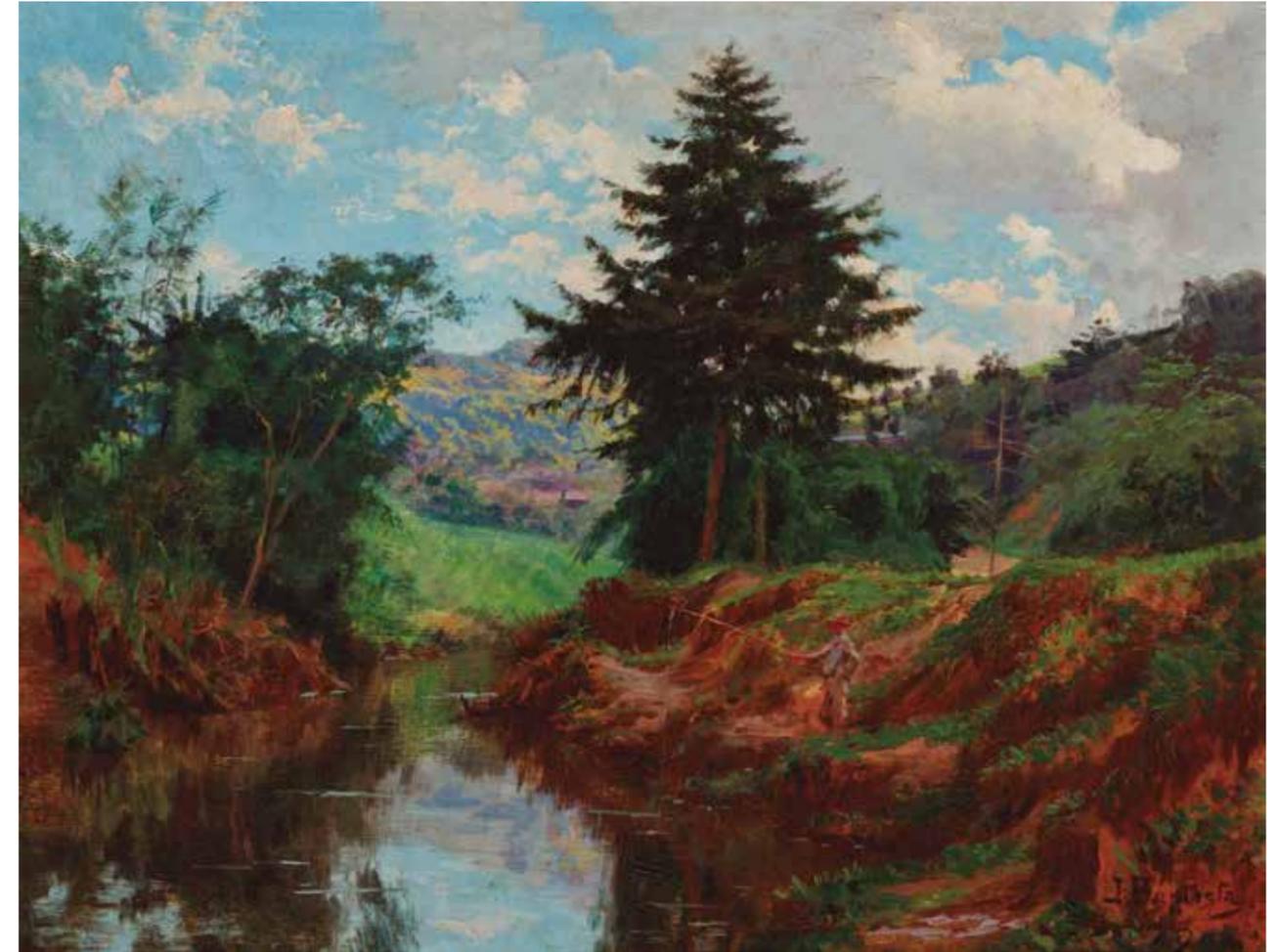
Acervo Danielian Galeria, RJ



**GEORG GRIMM (1846-1887)**

*Em sua curta estada no Brasil, Grimm foi responsável por uma revolução na tradição da pintura de paisagem brasileira.*

FAZENDA ALIANÇA, Barra do Pirai, RJ  
1881  
Óleo sobre tela  
48,5 x 66,5 cm  
Acervo Danielian Galeria, RJ.



**JOÃO BATISTA DA COSTA (1865-1926)**

Batista da Costa nasceu em Itaguaí, RJ, e viveu na capital carioca. É considerado o primeiro artista a captar o verde da paisagem brasileira.

Paisagem com Rio Piabanha, Petrópolis, RJ.

Século XIX  
Óleo sobre madeira  
30 x 40 cm

Acervo Danielian Galeria, RJ.



**FRANCISCO COCULILO (1893-1971)**

*Coculilo nasceu e viveu na capital carioca e representou em suas obras as paisagens e vistas desta cidade.*

BAÍA DE GUANABARA COM CORCOVADO AO FUNDO

Óleo sobre tela

54 x 83 cm

Coleção Evandro Carneiro, RJ.



BAÍA DE GUANABARA COM PÃO DE AÇUCAR

Óleo sobre tela

41,5 x 54 cm

Coleção Evandro Carneiro, RJ.



**EMILIANO DI CAVALCANTI (1897-1976)**

*Di nasceu e viveu na capital carioca e gravou no imaginário brasileiro a realidade dos subúrbios e de seus moradores.*

PAISAGEM DE PAQUETÁ, RJ  
1934  
Aquarela sobre papel  
25 x 37 cm  
Coleção João Pinto da Silva, RJ.



**CARLOS SCLIAR (1920-2001)**

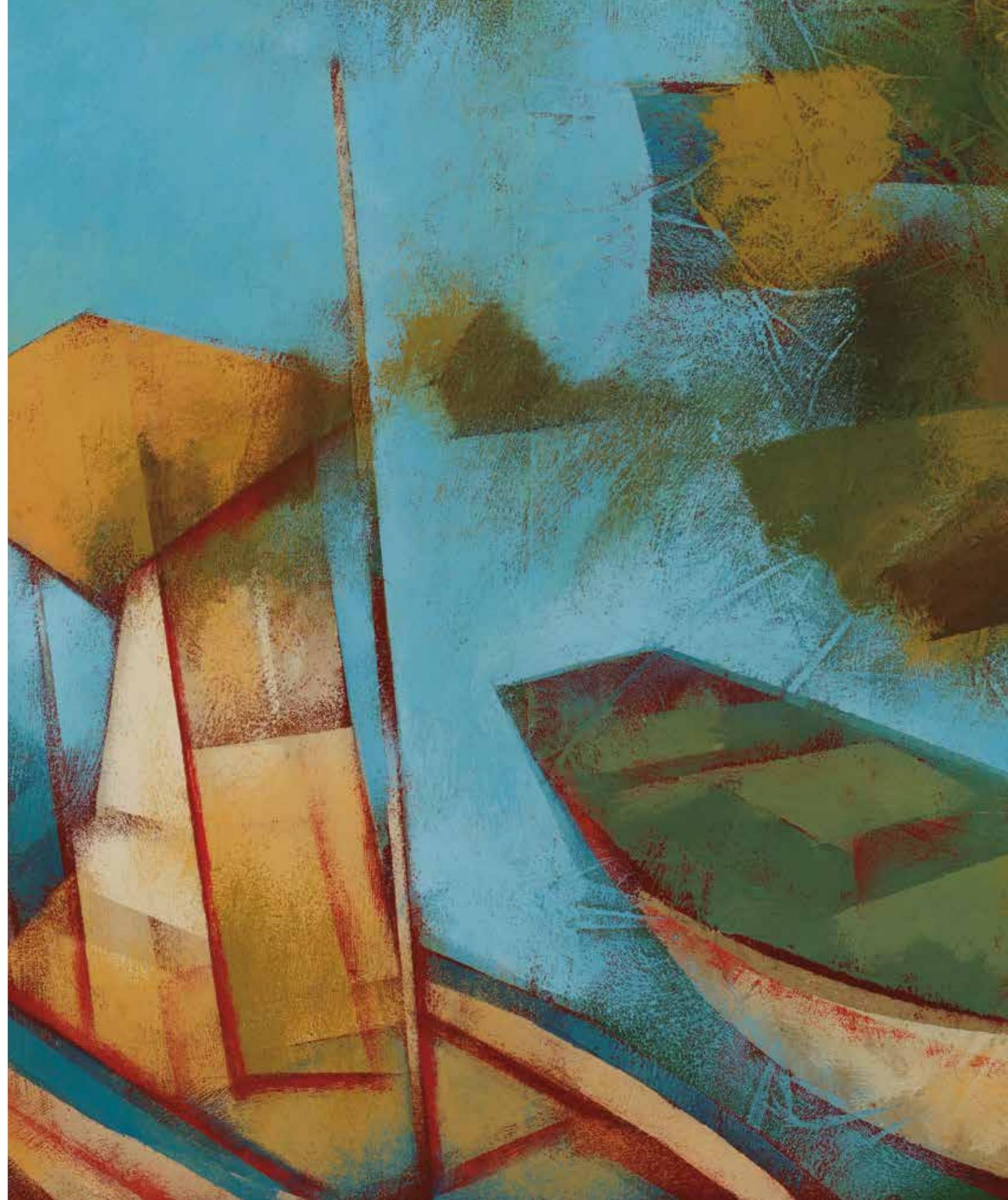
*Scliar nasceu no Rio Grande do Sul e manteve ateliês entre Cabo Frio, RJ, e Ouro Preto, MG, onde pintou inúmeras vistas e paisagens.*

**MARINHA COM TRÊS BARCOS**

1981

Vinil e colagem encerados sobre tela  
65 x 100 cm

Acervo da família do artista, RJ.





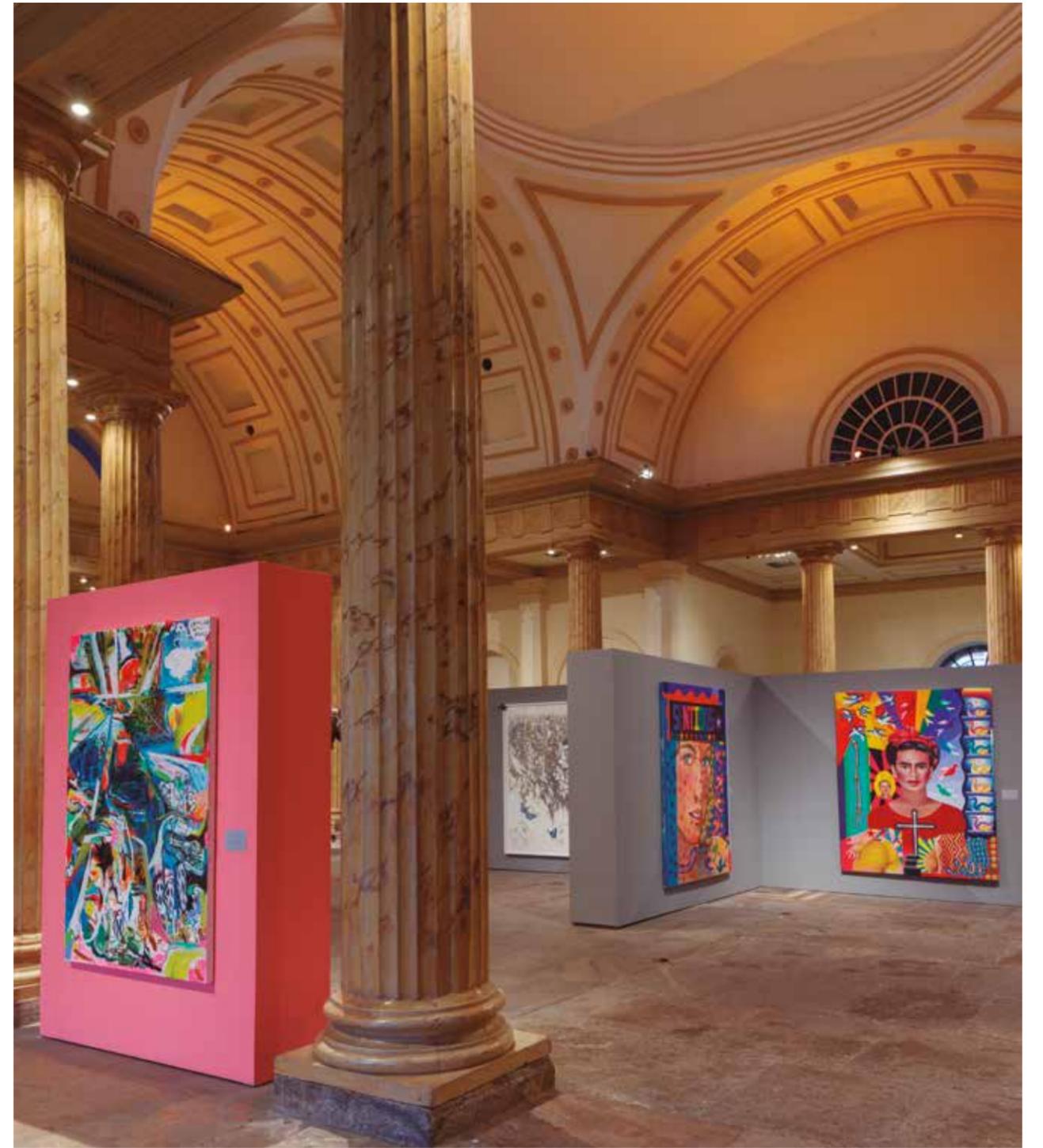
**NEWTON REZENDE (1912-1994)**

*Newton Rezende nasceu em São Paulo e escolheu o Rio para viver. Retratou a realidade rural e ribeirinha do entorno da Baía de Guanabara.*

PRAÇA XV  
1976  
Óleo e colagem sobre tela  
80 x 80 cm  
Acervo Danielian Galeria, RJ.



ASSEMBLAGE CAPRICÓRNIO  
1969  
Pintura e colagem sobre madeira  
80 x 80 cm  
Acervo Danielian Galeria, RJ



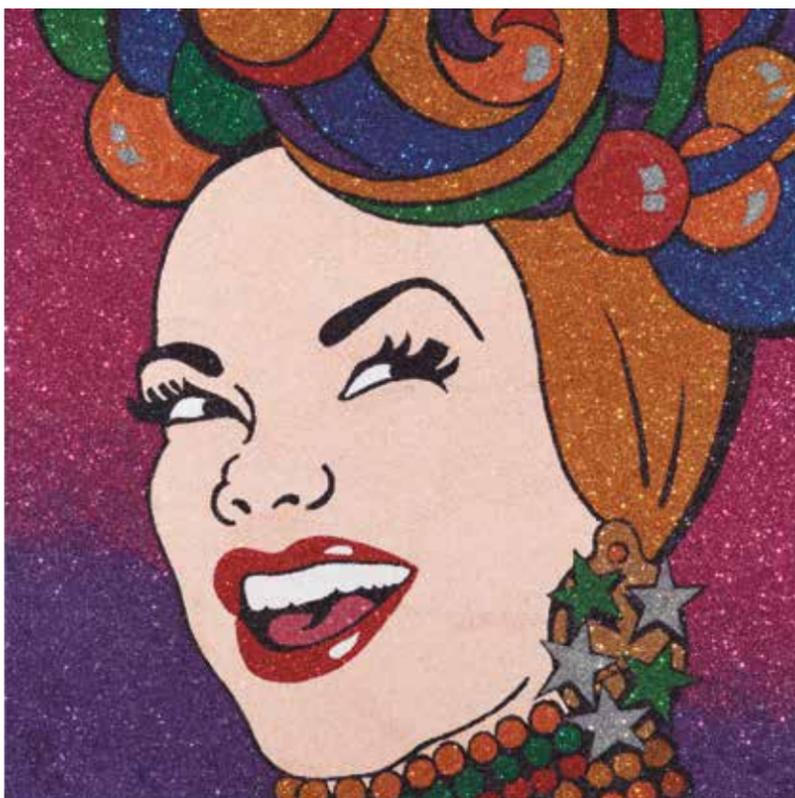


**PEDRO VARELA (1981)**

*Pedro nasceu em Niterói, RJ, e hoje vive e trabalha em Petrópolis, RJ.*

CANTEIRO  
2023  
Papel, arame de alumínio e acrílica.  
40 x 40 x 40 cm  
Coleção do artista.





**WILSON PIRAN (1951)**

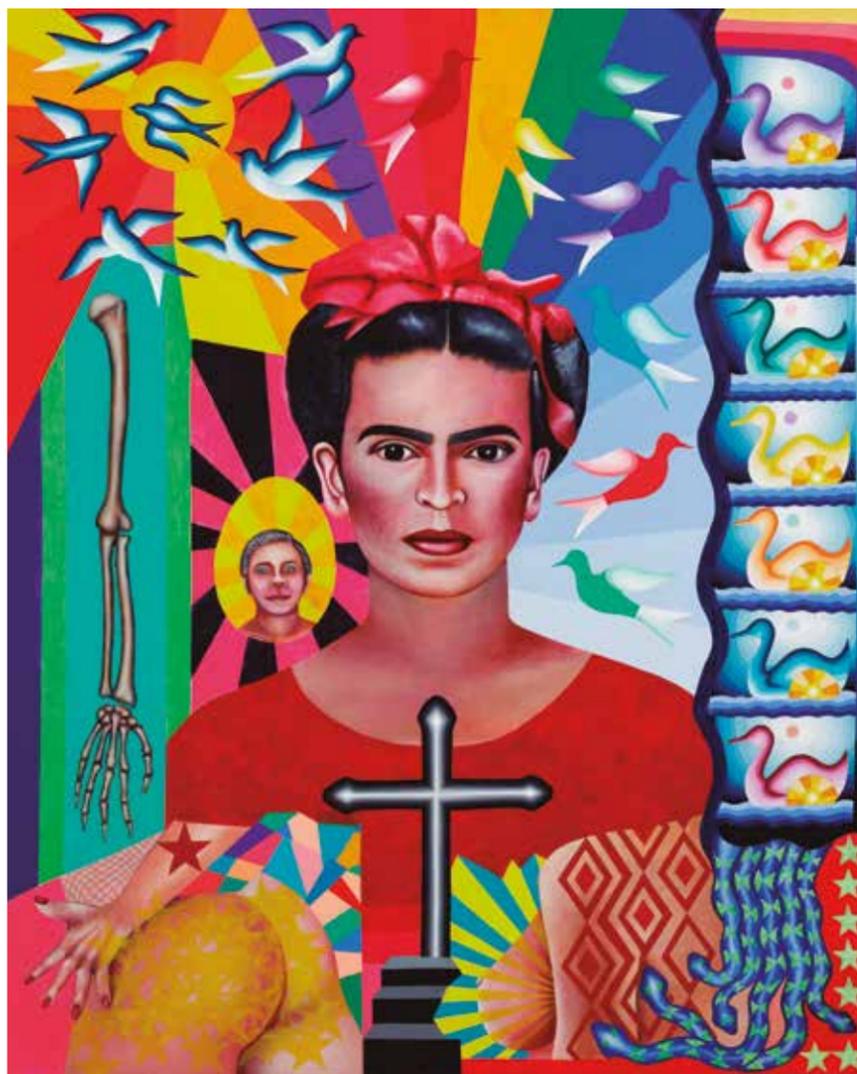
*Piran nasceu em Nova Friburgo-RJ, e hoje vive e trabalha na capital carioca.*

ESTRELA Nº1 – CARMEM MIRANDA  
2003-2023  
Purpurina sobre tela  
100 x 100 cm

FETICHE BOX  
1998  
Madeira e purpurina  
29 x 62 x 6 cm  
Coleção do artista.



PALAVRAS-OBJETO  
1995-2022  
Madeira e purpurina  
Coleção do artista.

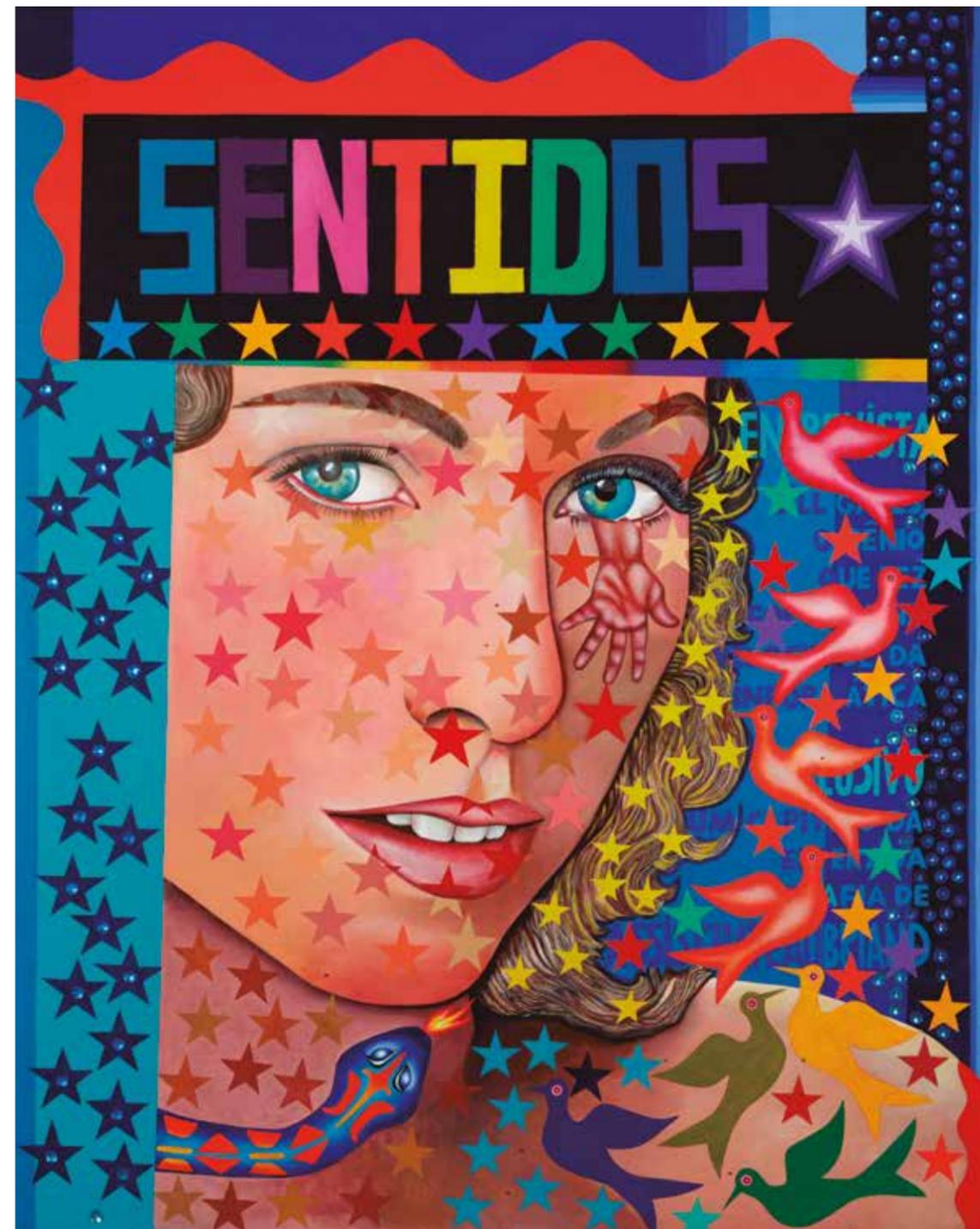


**EDMILSON NUNES (1964)**

*Edmilson nasceu em Campos dos Goytacazes, RJ, e hoje vive e trabalha em Maricá, RJ.*

FRIDA  
2022  
Acrílica sobre tela  
200 x 160 cm  
Coleção do artista.

CISSA  
2022  
Acrílica sobre tela  
160 x 200 cm  
Coleção do artista.

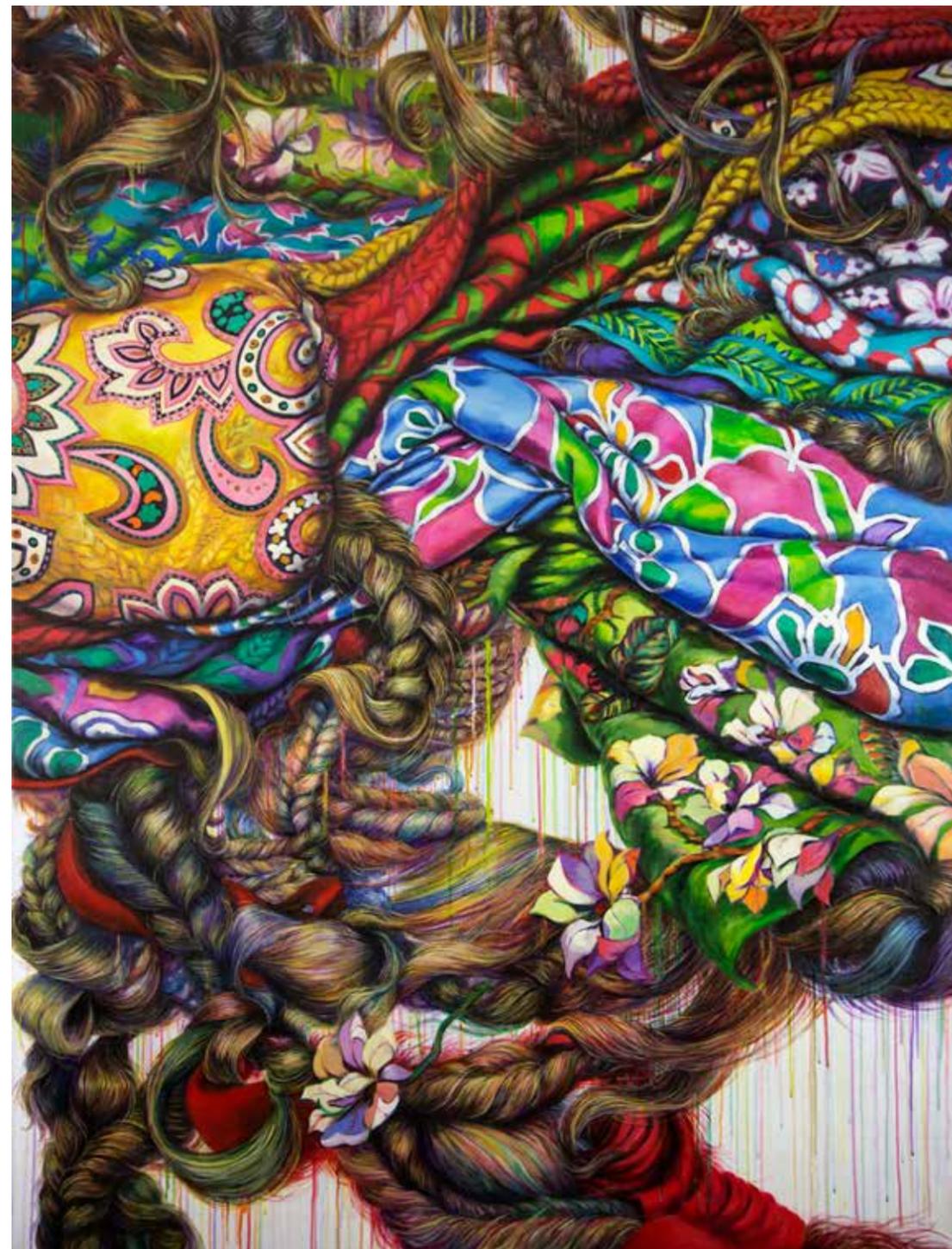




**OSVALDO CARVALHO (1976)**

*Osvaldo nasceu em Niterói e hoje vive e trabalha na capital carioca.*

ANDARAÍ I E II  
2022  
Acrílica sobre tela  
145 x 141 cm  
Coleção do artista.



**ANDRÉA FACCHINI (1955)**

*Andréa nasceu em Cataguases, MG, e hoje vive e trabalha em Niterói, RJ.*

BATER ASAS PROVOCA FURACÃO  
ESTRATÉGIAS PARA O CAOS1#1  
2015

Grafite e lápis de cor sobre papel  
190 x 110 cm

FLOR DE PELE, RAIZ DE CABELO  
AUTO-RETRATO BARROCO ATÉ A  
ALMA – SÉRIE TEREZAS

2011-2014  
Acrílica sobre lona  
177 x 134 cm  
Coleção da artista.



**MARCOS CARDOSO (1960)**

*Marcos nasceu em Maricá, RJ,  
onde vive e trabalha.*

BAMBOLÊS  
2023  
Bambolês sobre madeira  
115 x 85 cm (cada)

BAMBOLÊS  
2023  
Bambolês sobre madeira  
85 x 125 cm  
Coleção do artista.







**RAIMUNDO RODRIGUEZ (1963)**

*Raimundo nasceu em Santa Quitéria, CE,  
e hoje vive e trabalha em Nova Iguaçu, RJ.*

CAVALO - AUTOMATO DE SÃO JORGE  
2017  
Ferro, lata e borracha  
150 x 240 x 290 cm  
Coleção do artista.

**JARBAS LOPES (1964)**

*Jarbas nasceu em Nova Iguaçu  
e hoje vive e trabalha em Maricá, RJ.*

PINTURA ELÁSTICA TRIÂNGULO  
2015

Elásticos tramados e bolas  
160 x 220 cm

Coleção do artista/Galeria Gentil Carioca.





**DENEIR (1954)**

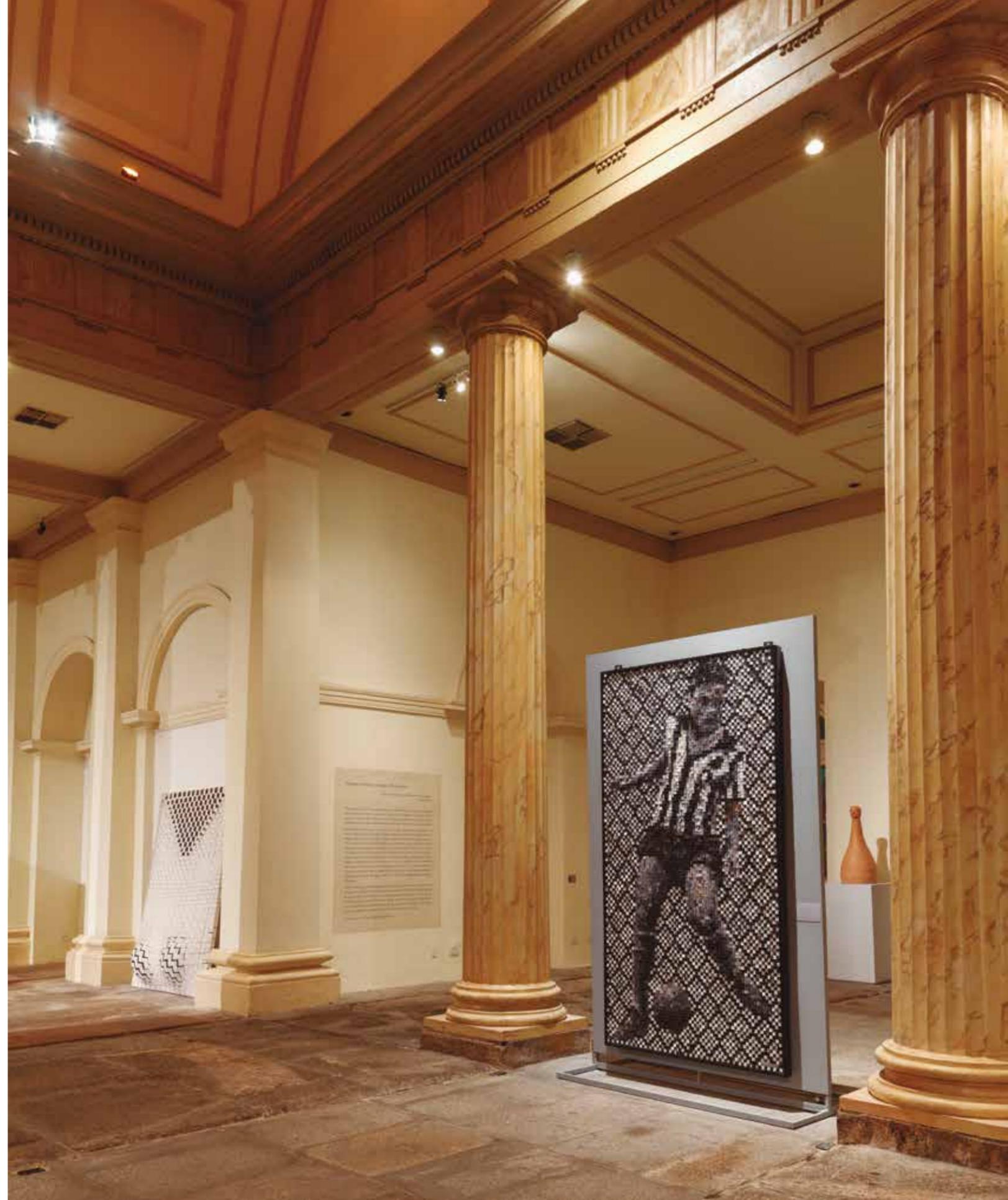
*Deneir nasceu em Campos dos Goytacazes, RJ, e hoje vive e trabalha em Magé, RJ.*

**TRICÍCLO GIRAMUNDUS**

2017  
Triciclo, cobre, farol e engrenagens  
150 x 120 x 240 cm

**MANÊ GARRINCHA FUTEBOL ARTE**

2021  
Madeira, alumínio reciclado e alfinetes  
250 x 135 x 10 cm  
Coleção do artista.





**JORGE DUARTE (1955)**

*Jorge nasceu em Palma, MG,  
e hoje vive e trabalha em Magé, RJ.*

**MONEY WASHER MACHINE**

2018

Acrílica sobre aglomerado de madeira.

138 x 91,5 cm

**WASH YOUR MONEY HERE**

2018

Acrílica sobre aglomerado de madeira.

125 x 105 cm

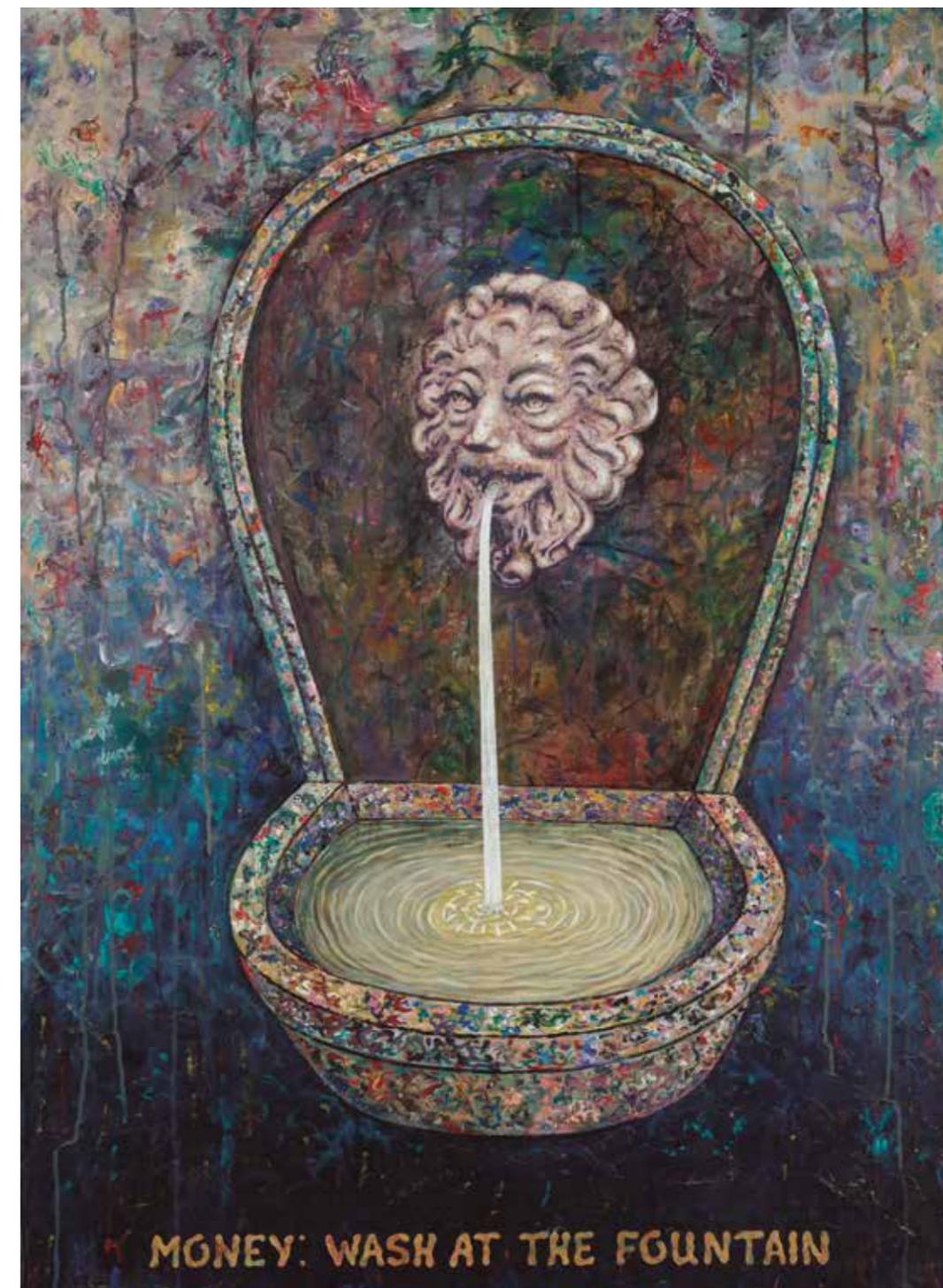
**MONEY: WASH AT THE FOUNTAIN**

2018

Acrílica sobre aglomerado de madeira.

122 x 83 cm

Coleção do artista.





**ALVARO SEIXAS (1982)**

*Alvaro nasceu em Nova Friburgo, RJ e hoje vive e trabalha na capital carioca.*

**"THE BRAZILIAN ARTIST"**  
2023

Instalação com pinturas de dimensões e técnicas variadas, estrutura de metal, tinta sobre parede  
Dimensões variadas

Coleção do artista.



**BOB CARDIM (1953)**

*Bob Cardim nasceu na cidade do Rio de Janeiro, e hoje vive e trabalha entre a capital e Volta Redonda, RJ.*

Oráculo  
2020  
Conjunto de 4 laminas tridimensionais  
200 x 20 cm  
Coleção do artista.

TEMPESTADE AZUL E VERMELHA  
2017  
Ferro e pintura automotiva  
250 x 150 cm

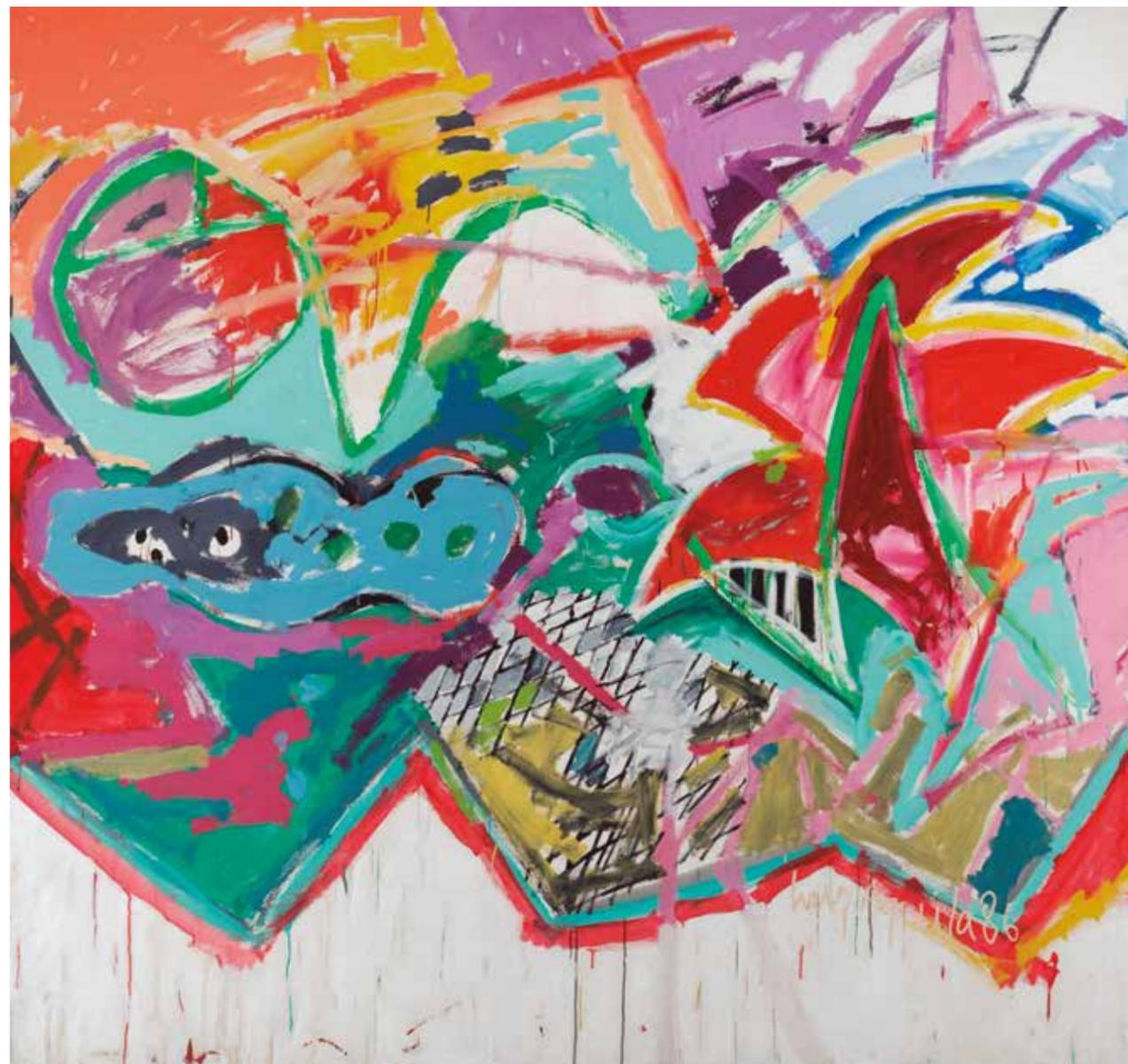
TEMPESTADE LARANJA  
2017  
Ferro e pintura automotiva  
250 x 150 cm  
Coleção do artista.



**LUIZ ÁQUILA (1943)**

*Áquila nasceu no Rio de Janeiro e hoje vive e trabalha em Petrópolis, RJ.*

SEM TÍTULO  
1986  
Acrílica sobre tela  
238 x 251 cm  
Coleção Vanda Klabin, RJ.





**DANIEL LANNES (1981)**

*Daniel nasceu em Niterói e hoje vive e trabalha em São Paulo.*

GOZAR E JOGAR A VIDA FORA

2020

Óleo sobre linho

220 x 160 cm

Coleção do artista/Galeria Galatea, SP.



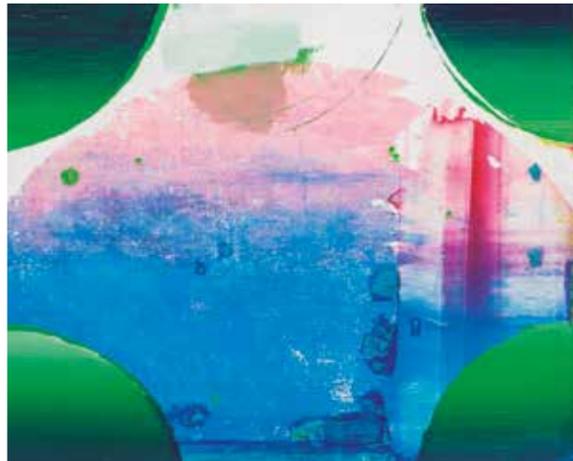
**RAFAEL VICENTE (1976)**

*Rafael Vicente nasceu em Niterói, RJ,  
onde vive e trabalha.*

METRÓPOLE  
2023  
Óleo sobre tela  
200 x 120 cm

CONCRETOS  
2022-2023  
Óleo sobre tela  
50 x 50 cm (cada)  
Coleção do artista.





**RAFAEL ALONSO (1983)**

*Rafael Alonso nasceu em Niterói, RJ,  
e hoje vive e trabalha na capital carioca.*

LUA LUXUOSA  
2018  
Acrílica sobre compensado  
70 x 50 cm

LEONARDO, MICHELANGELO, DONATELLO  
E RAFAEL  
2018  
Acrílica sobre compensado  
30 x 40 cm  
Coleção do artista/Galeria Athena, RJ.

VR  
2019  
Acrílica sobre compensado  
74 x 47 x 6 cm (V)  
60 x 40 x 6 cm (R)  
Coleção do artista/Galeria Athena, RJ.



**CHICO TABIBUIA (1936-2007)**

*Chico Tabibuia nasceu em Silva Jardim, RJ, e passou grande parte da sua vida na região de Casimiro de Abreu, RJ, onde desenvolveu esculturas de forte carga expressiva.*

MULHER SACI

Madeira

125 x 37 x 16 cm

Acervo Danielian Galeria, RJ.





**CIPRIANO (1981)**

*Cipriano nasceu, vive e trabalha em Petrópolis, RJ.*

SÉRIE CAÇADOR NA BEIRA DO CAMINHO – UMA POÉTICA

CAÇADOR GUERREIRO QUE LHE ENSINOU A CAÇAR

2020

Técnica mista e desenho sobre papel  
52 x 44 cm

ATIRA, ATIRA, ELE ATIROU

2020

Técnica mista e desenho sobre papel  
52 x 43 cm

DOR DO VAZIO

2020

Técnica mista e desenho sobre papel  
61 x 43 cm

Coleção do artista.

SÉRIE CAÇADOR NA BEIRA DO CAMINHO – UMA POÉTICA

SOMBRA DA ALMA

2020

Técnica mista e desenho sobre papel  
51 x 43 cm

CAÇADOR NA BEIRA DO CAMINHO

2020

Técnica mista e desenho sobre papel  
53 x 43 cm

Coleção do artista.



**RAQUEL SALIBA (1967)**

*Raquel nasceu em Itaúna, MG, e hoje vive e trabalha entre a cidade do Rio de Janeiro e Búzios, RJ.*

ALEY  
2019  
Cerâmica  
124 x 49 Ø cm  
Coleção da artista.





**LUIZ BADIA (1966)**

*Luiz nasceu na cidade do Rio de Janeiro  
e hoje vive e trabalha em Niterói, RJ.*

FLORESTA LÍQUIDA  
VÍDEO  
Coleção do artista.

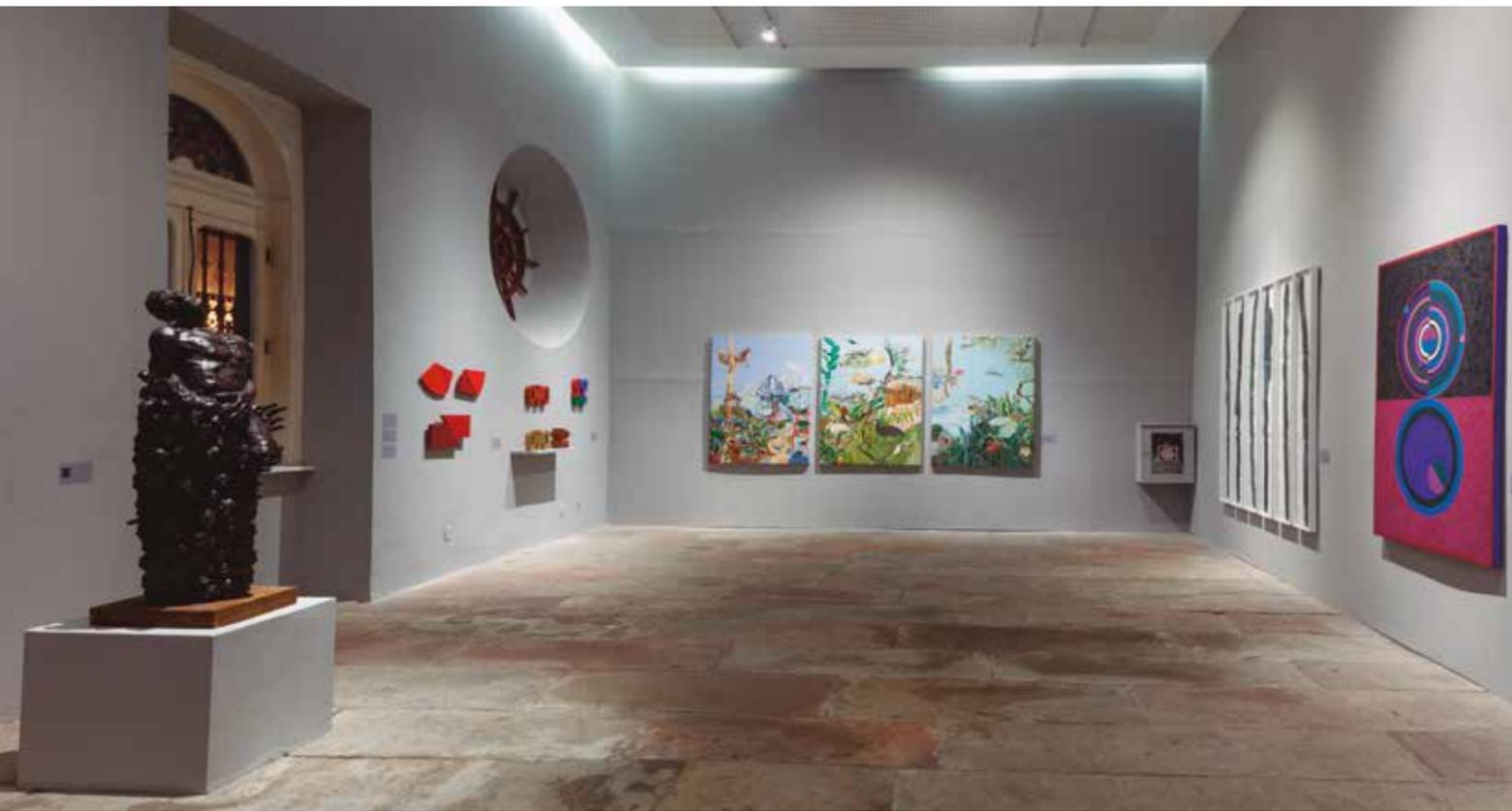


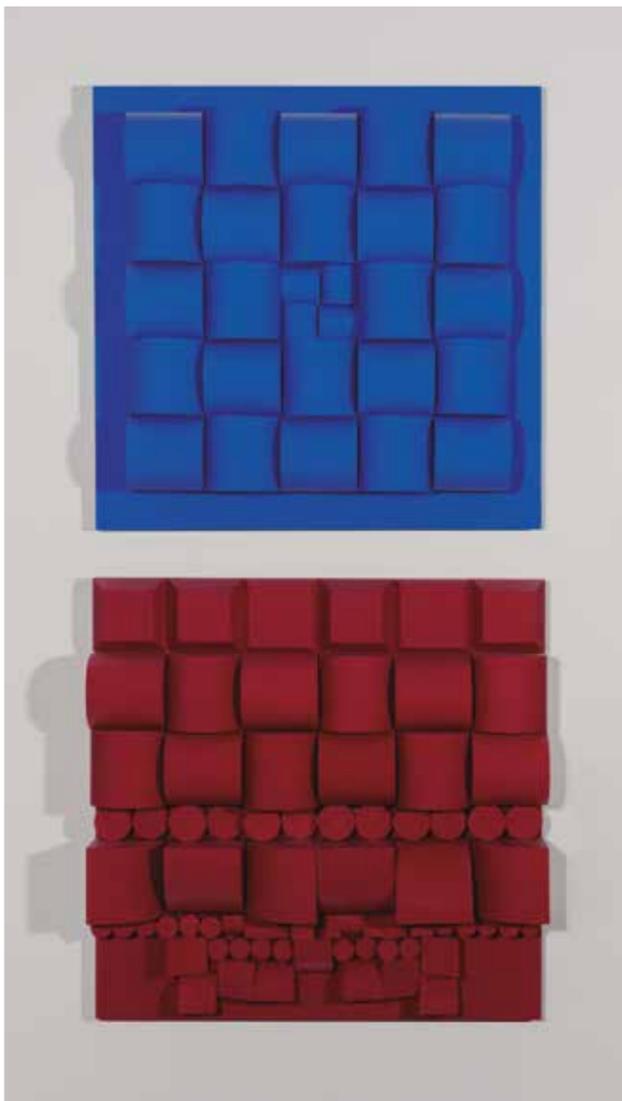
**ROBSON MACEDO (1962)**

*Robson nasceu em Vitória, ES  
e hoje vive e trabalha em São Gonçalo, RJ.*

COBRA- CORAL  
2022  
Técnica mista  
91 x 43 cm

ARAR  
2023  
Técnica mista  
26 x 18 cm  
Coleção do artista.



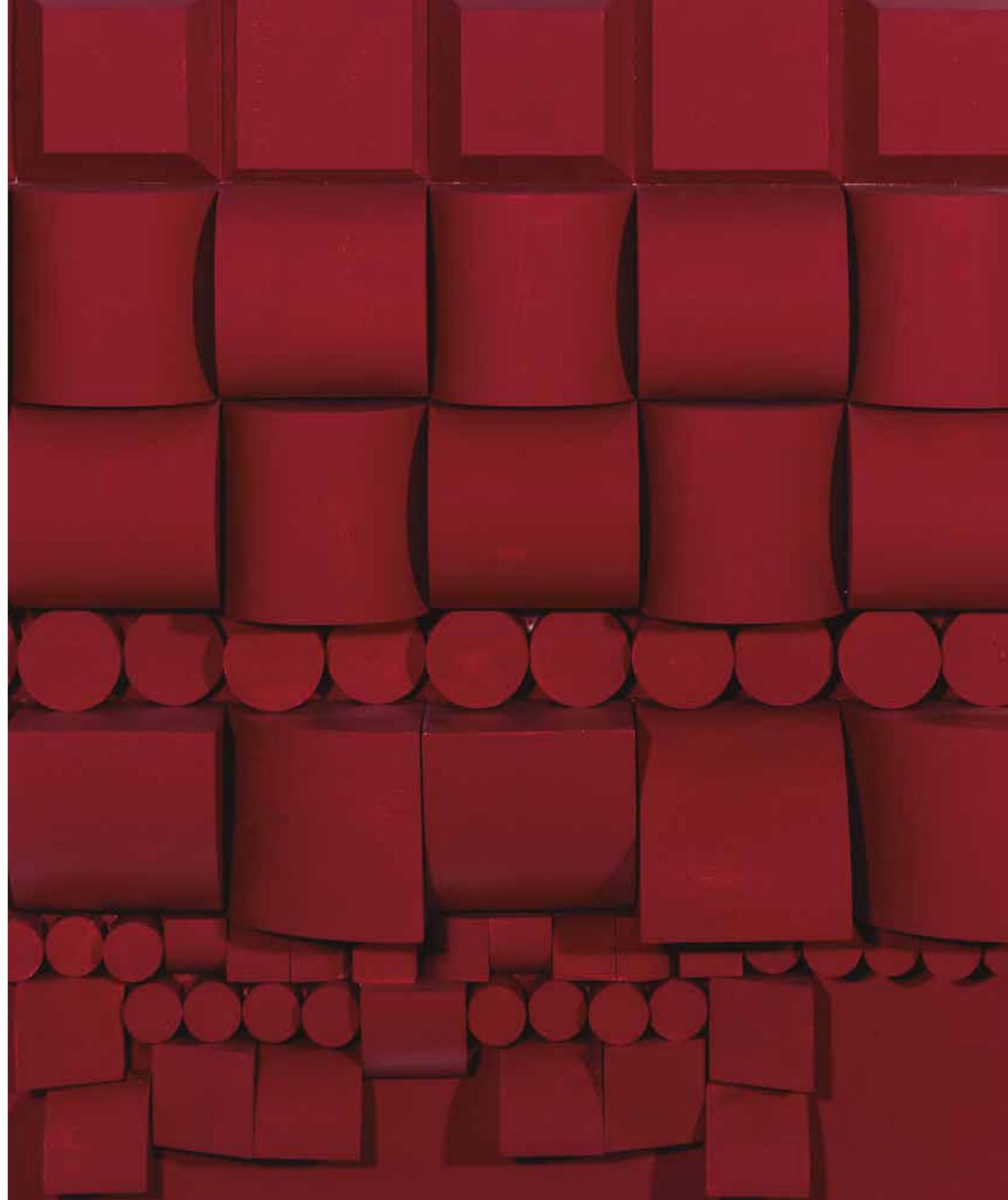


**GALVÃO (1941)**

*Galvão nasceu na cidade do Rio de Janeiro e hoje vive e trabalha em Nova Friburgo, RJ.*

AZURRA  
2023  
Acrílica sobre madeira  
60 x 60 x 11 cm

MÁRCIA  
HOMENAGEM À MARCIA BARROSO DO  
AMARAL  
2023  
Acrílica sobre madeira  
60 x 60 x 14 cm  
Coleção do artista.

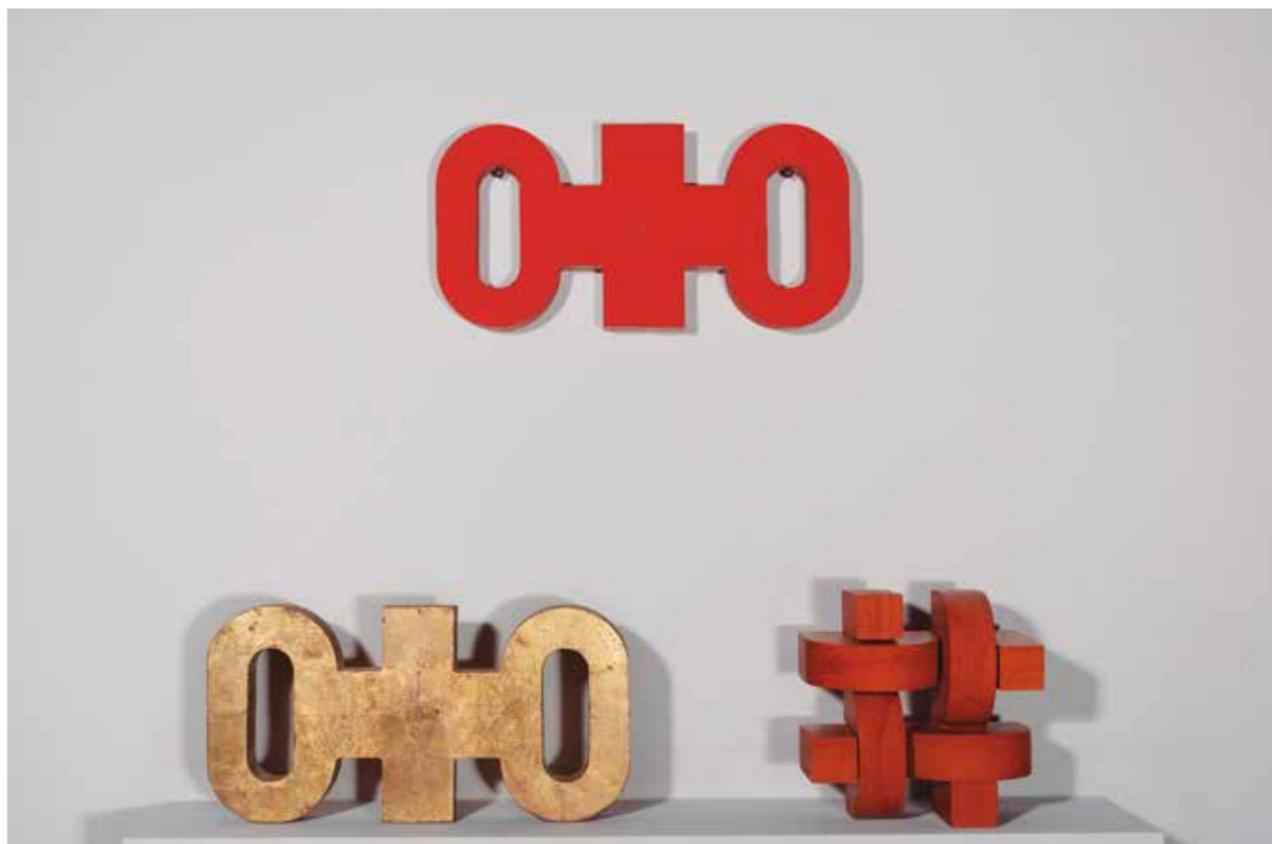


**ABELARDO ZALUAR (1924-1987)**

Zaluar nasceu em Niterói, RJ e viveu entre o RJ e Niterói, onde foi professor e importante nome das experiências geométricas da arte brasileira.

PONTA  
1984  
Acrílica sobre tela sobre madeira  
100 x 100 cm  
Acervo Danielian Galeria, RJ

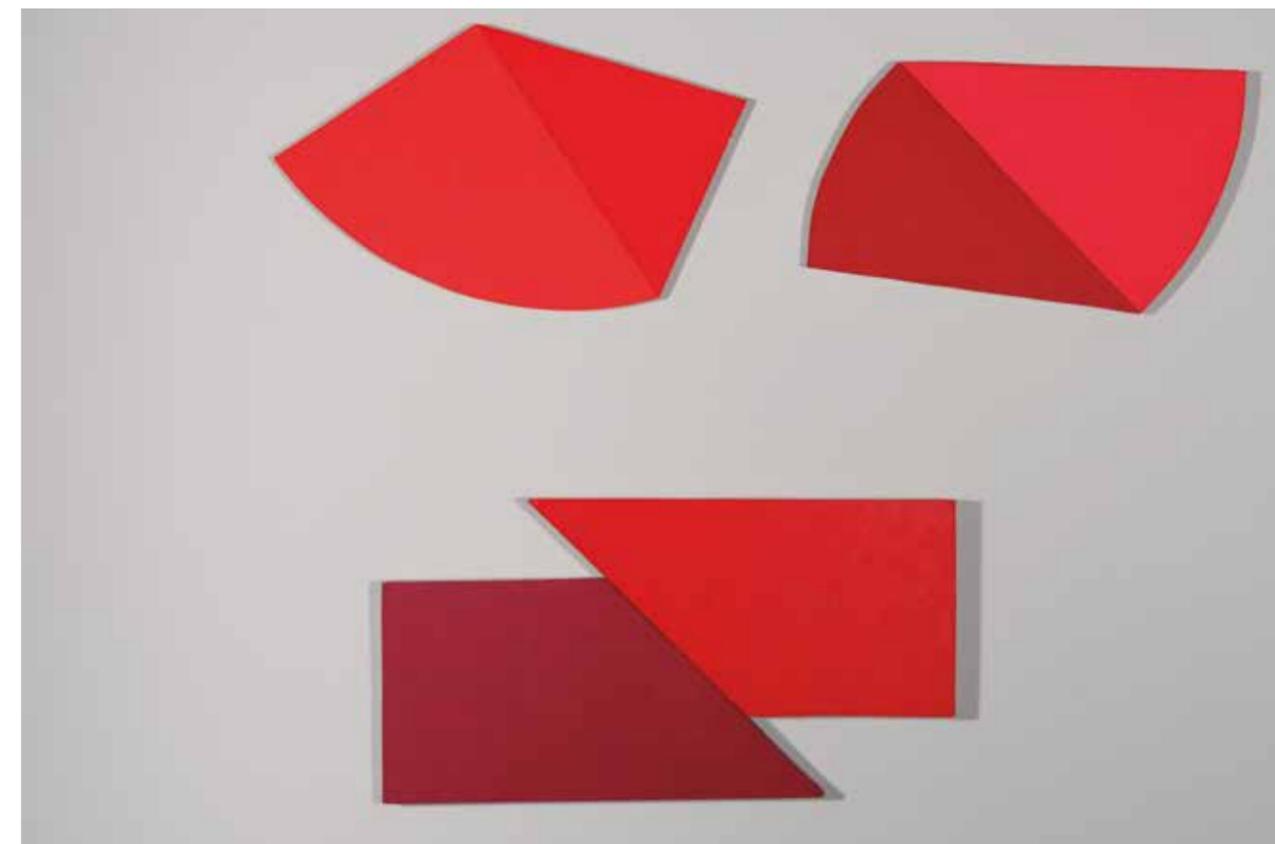




**PAIVA BRASIL (1930-2022)**

*Paiva Brasil nasceu em Campos dos Goytacazes, RJ, viveu e trabalhou no Rio de Janeiro. Está entre os principais nomes da abstração geométrica brasileira no século XX.*

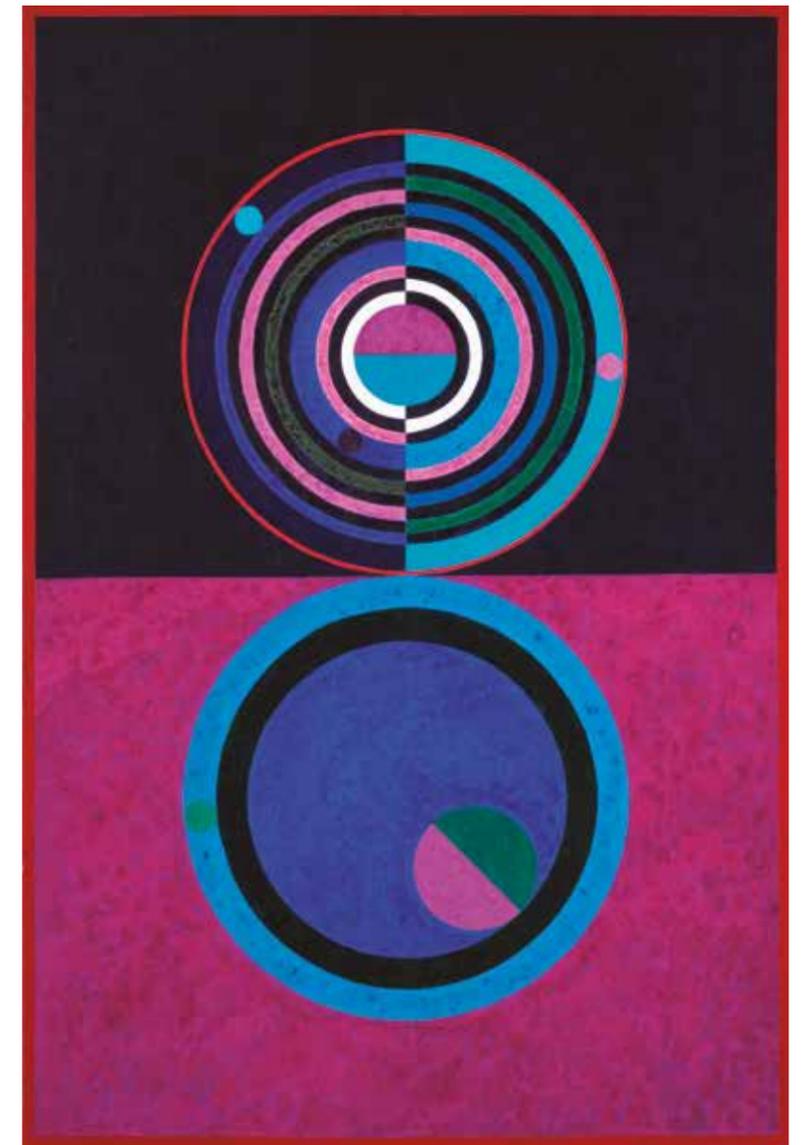
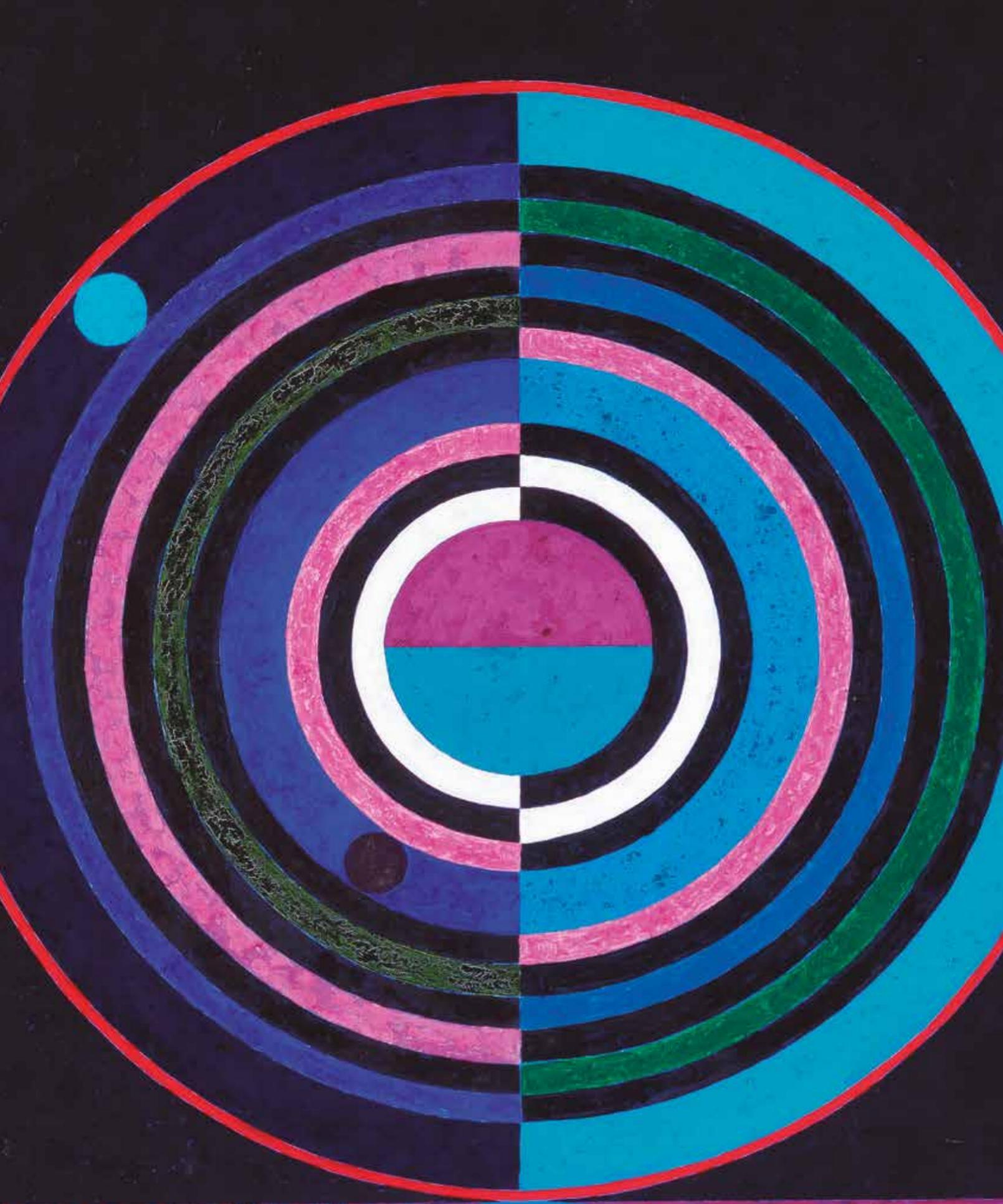
SÉRIE 5  
2015  
Acrílica sobre madeira  
40 x 20 x 4 cm  
Coleção Wilson Piran, RJ.



AERÓLITO Nº1 – PINTURA OBJETO  
2003  
Acrílica sobre tela sobre madeira  
44 x 26 cm

AERÓLITO Nº2 – PINTURA OBJETO  
2003  
Acrílica sobre tela sobre madeira  
45 x 28 cm

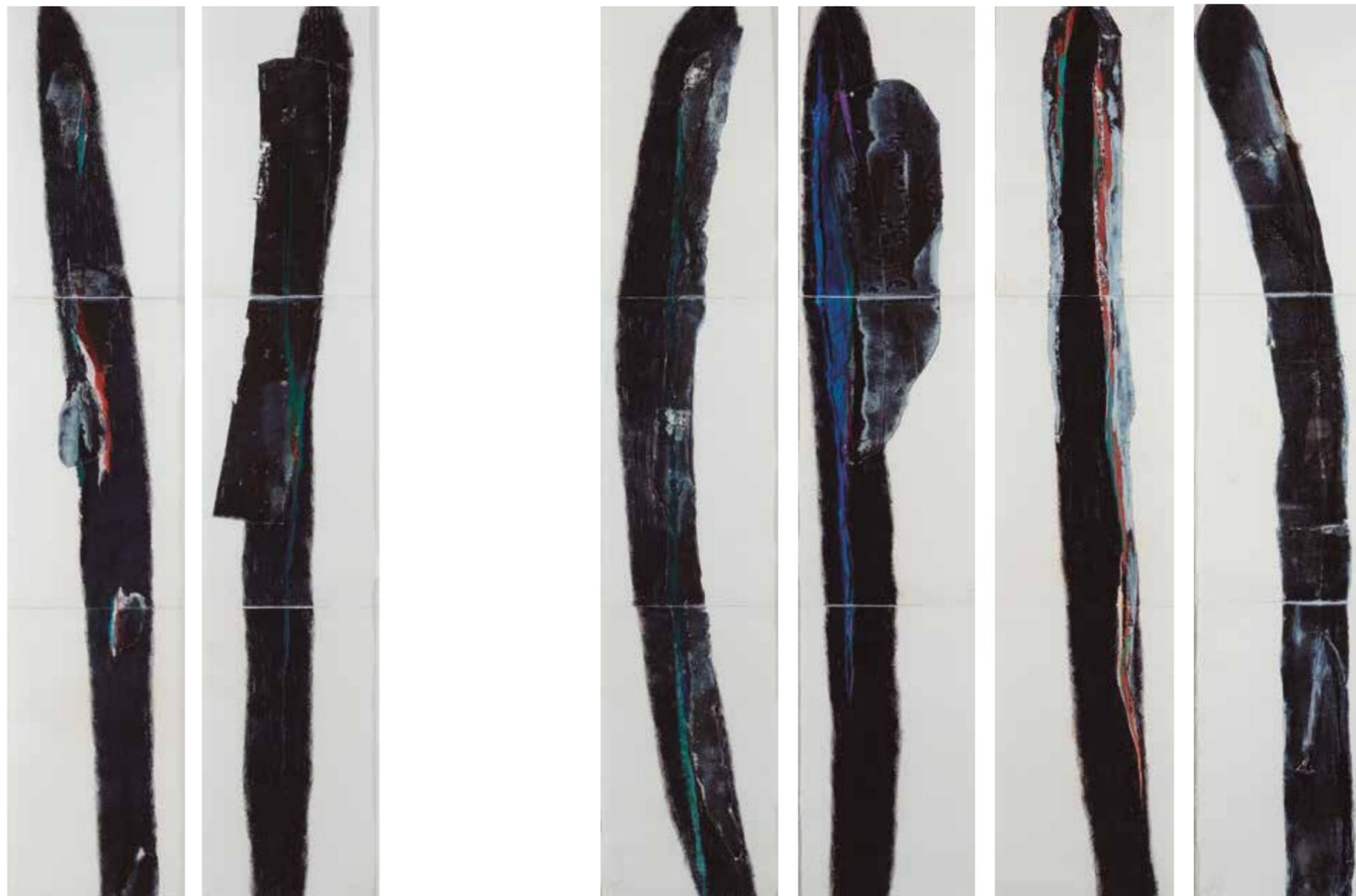
PLANOS – PINTURA OBJETO  
1990  
Acrílica sobre tela sobre madeira  
62 x 28 cm  
Coleção Wilson Piran, RJ.



**GONÇALO IVO (1958)**

*Gonçalo nasceu na cidade do Rio de Janeiro e hoje vive e trabalha entre Teresópolis e Paris.*

CARÈME  
2018  
Óleo sobre linho  
180 x 120 cm  
Coleção Marcel Jung, RJ.



**NELSON FELIX (1954)**

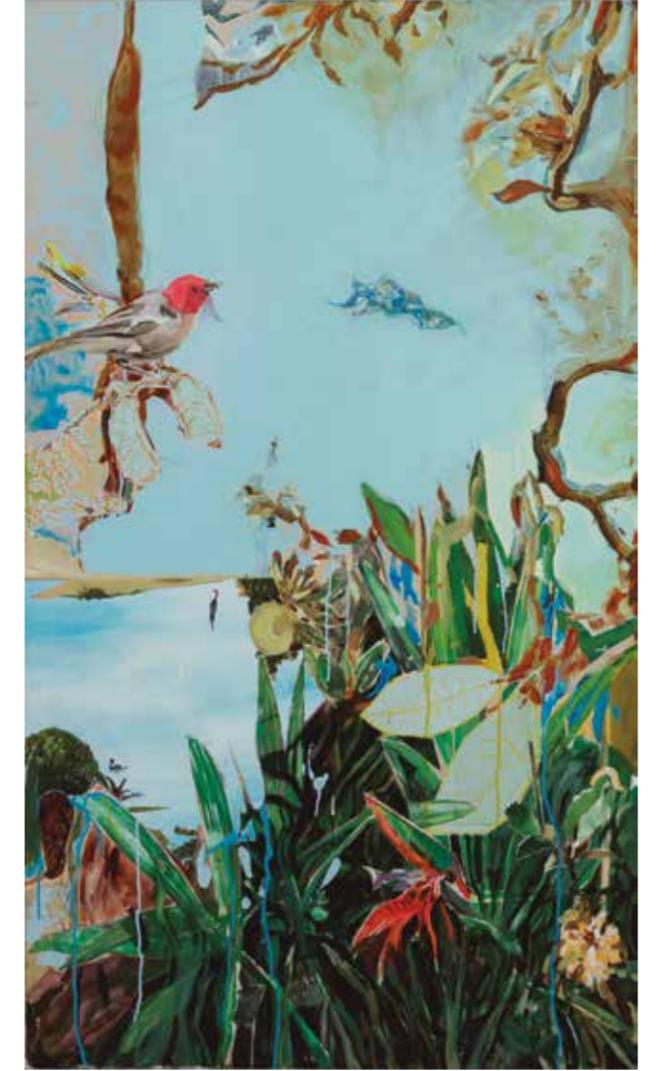
*Nelson Felix nasceu na capital carioca e hoje vive e trabalha em Mury/Nova Friburgo, RJ.*

**DESENHO VERTICAL**

1989

Grafite, chumbo e pastel oleoso sobre papel  
210 x 25 cm (cada)

Coleção Ludwig Danielian, RJ.



**LÚCIA LAGUNA (1941)**

*Lúcia nasceu em Campos dos Goytacazes, RJ, e hoje vive e trabalha na cidade do Rio de Janeiro.*

JARDIM N° 62,63,64  
2022  
Acrílica e óleo sobre tela  
160 x 100 cm (cada)  
Coleção da artista.



**RODRIGO PEDROSA (1969)**

*Rodrigo nasceu em Niterói, RJ,  
onde vive e trabalha.*

**AÇOUQUE BRASIL**  
2022  
Cerâmica, resina poliéster e gesso  
160 x 30 x 40 cm  
Coleção do artista.



**SECRETARIA DE CULTURA  
E ECONOMIA CRIATIVA DO  
ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

**Governador** | Cláudio Castro  
**Secretária** | Danielle Barros  
**Chefe de Gabinete** | Claudia Raybolt  
**Superint. de Artes** | Cristina de Pádua

**CASA FRANÇA-BRASIL**

**Direção** | Tania Queiroz  
**Coord. Artística** | Aline Beatriz de Souza  
**Coord. Adm.** | Rodrigo Leite  
**Pesquisa e Memória** | Luísa Lacerda  
**Comunicação** | Beatriz Santiago  
**Jurídico** | Patricia Meireles  
**Educativo** | Adrielle Dantas, Eduarda Ferrari Soletti, Luana Mota, Mariana Vidal e Pâmella Figueiredo  
**Operações** | Jhonatan Brito, Thailane Wandin, Jorge Nobre, Marcos Carvalho  
**Manutenção** | José Rosa Pires

**EXPOSIÇÃO  
NAVEGAR É PRECISO |  
PAISAGENS FLUMINENSES**

**Curadoria** | Marcus de Lontra Costa e Rafael Fortes Peixoto  
**Expografia** | Marcio Gobbi  
**Coordenação de montagem** | João Waitz  
**Produção** | João Waitz, Marcia Lontra, Izabel Ferreira  
**Identidade Visual** | Guilherme Henrique  
**Montagem** | Renato Cecilio, Anderson Baptista da Silva, Guido Waitz  
**Iluminação** | Júlio Katona  
**Museologia** | Carol Lodi  
**Fotos** | Jaime Acioli  
**Assessoria de Imprensa** | A Dois Comunicação (Anna Accioly)  
**Vídeos** | Raquel Silva  
**Social Media** | Ana Clara Cantanhede  
**Administração** | Álvaro Lopes  
**Secretária** | Edna Ferreira dos Santos  
**Transporte** | Alves Tegam  
**Seguro** | Affinité Corretora  
**Sinalização** | Ginga Design

**AGRADECIMENTOS**

Antonia Bergamin  
Athena Galeria  
Cristian Arantes  
Conrado Mesquita  
Danielian Galeria  
Elio Scliar  
Evandro Carneiro  
Galatea Art  
Gentil Carioca  
João Pinto  
Ludwig Danielian  
Luiz Danielian  
Luiz Moreira  
Marcel Jung  
Nelson Boainaim  
Paulo Alvarez  
Romulo Sales  
Sanzia Vieira  
Sylvia Satamini  
Taydara Araújo

**CATÁLOGO**

**Textos Críticos** | Marcus de Lontra Costa e Rafael F. Peixoto  
**Design Gráfico** | Guilherme Henrique  
**Fotos** | Jaime Acioli

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angelica Ilacqua CRB-8/7057

Navegar é preciso : paisagens fluminenses / curadoria de Marcus de Lontra Costa e Rafael Fortes Peixoto. -- Rio de Janeiro : Casa França-Brasil, 2023.  
49 p. : il., color.

Catálogo da exposição realizada na Casa França-Brasil, no Rio de Janeiro  
ISBN

1. Arte - Rio de Janeiro - Exposições 2. Arquitetura 3. Artes plásticas 4. Pintura 5. Rio de Janeiro - Arte I. Costa, Marcus de Lontra  
23-3627 CDD 709.815

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte - Rio de Janeiro - Exposições

Composto em tipo Abhaya Libre Regular e Bookman Old Style. Impresso pela gráfica Grafitto sobre papel Couché Matte LD importado 150 g/m2, capa Cartão Supremo LD 300 g/m2, em Junho de 2023.